

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL: IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES DOCENTES E AÇÃO PEDAGÓGICA

Nadia Inês Marconatto¹

RESUMO

Para esta produção refletiu-se a respeito da comunicação interpessoal. Ela constitui-se em um recorte reflexivo com enfoque no ato de revelar-se e no de escutar, fazendo-se uma breve análise das implicações nas relações docentes e ação pedagógica. Teve-se como objetivo o suporte ao processo de formação continuada da pessoa docente, no que se refere ao desenvolvimento das habilidades de comunicação por meio da comunicação interpessoal, bem como a contribuição para melhor comunicação na ação pedagógica. O estudo foi realizado por intermédio de pesquisas, e pretendeu-se demonstrar a relevância da comunicação de qualidade na profissão docente e a influência direta desta no processo de ensino aprendizagem, considerando o espaço escolar, mas possibilitando expandir a reflexão para demais espaços de realização da comunicação oral interpessoal.

Palavras-chave: Comunicação interpessoal. Relações docentes. Ação pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem marca um momento histórico na evolução do processo de desenvolvimento da hominização. Ao descrever os cinco nascimentos do homem, Morin, Ciurama e Motta (2003, p. 100, grifo do autor), dizem que “o segundo foi proporcionado pela emergência da linguagem e da cultura, provavelmente a partir do *Homo erectus*.” Assim, cabe reconhecer que um processo sugere transformações em seu decorrer, e nisso também a linguagem humana e suas diferentes formas de comunicação oral têm-se modificado desde sua emergência.

No cenário contemporâneo, percebe-se certa degradação das habilidades comunicativas orais, em razão do uso de toda parafernália tecnológica de equipamentos de comunicação digital. O próprio conceito de comunicação, nessa perspectiva, está sujeito ao questionamento quando supomos a troca de informações como sinônimo de comunicação. Entretanto, não é o caso de desmerecer as tecnologias em si, mas certamente o de alertar para seu uso em exagero e de modo inadequado.

Neste estudo, acreditamos que o uso inadequado das tecnologias da comunicação priva a comunicação oral humana de evoluir para a verdadeira comunicação, na qual os interlocutores se percebem, se reconhecem, se acolhem e encontram a si e a outrem por meio de palavras ditas oralmente e ouvidas no empenho da compreensão do dito. Como contraponto a essa realidade é que consideramos viável o estudo do exercício da comunicação interpessoal com o intuito de contribuir para o encorajamento a essa comunicação, visando à construção de relacionamentos humanos saudáveis.

Nesta pesquisa, propomos refletir a respeito da contribuição da habilidade comunicativa interpessoal para relacionamentos satisfatórios e realizadores, de forma especial no ambiente de trabalho docente. O propósito foi compreender como se efetiva a verdadeira comunicação por meio da comunicação interpessoal e como esta vem permeando as relações docentes e implicações na ação pedagógica. O horizonte do estudo se constituiu com base no enfoque linguístico, no qual se pressupõe fundamentações essenciais à reflexão da comunicação interpessoal, usado aqui como amparo a essa abordagem sobre a linguagem como base estruturadora da comunicação interpessoal e implicações na ação pedagógica.

¹ Pós-graduada em Educação Interdisciplinar na Gestão Escolar pelas Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas; Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Orientadora Educacional na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Turismo de Tunápolis; nadinatto@hotmail.com

2 REVELAR-SE: O ENCORAJAMENTO E A AUTO-HONESTIDADE PARA FALAR DE SI

A comunicação relacional humana tenciona muito mais do que apenas a palavra dita e ouvida, pois envolve o partilhar de si e o compartilhar de outrem. Esse não é um movimento espontâneo, exige empenho, dedicação e real desejo de fazê-lo. Por intermédio da comunicação relacional conhecemos e somos conhecidos, influenciando no crescimento e amadurecimento de nossos relacionamentos: “a qualidade de nossa existência humana depende de nossos relacionamentos.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 11). Os autores insistem em nos convencer de nossa participação na efetiva comunicação verdadeira e na construção de relacionamentos por meio dela:

A comunicação gradualmente ocasiona relacionamentos profundos e claramente definidos, mas só se continuarmos a trabalhar para isso. Como muitas outras realizações humanas, a comunicação é uma questão de prática contínua. Todas as fórmulas verbais são inúteis, a menos que com a prática a arte da comunicação se torne parte de nós. (POWELL; BRADY, 1997, p. 14).

Cabe aqui o questionamento acerca da nossa real disposição para a verdadeira comunicação; embora não tenhamos o objetivo de convencer o leitor de coisa alguma, temos, honestamente, o desejo de desafiar-lo a uma autoavaliação, apoiados na literatura sobre o assunto e motivados pela vivência própria dos benefícios do exercício da comunicação verdadeira. “Os efeitos da comunicação são tão óbvios e imediatos que passei a considerá-la como o início de toda mudança verdadeira. É o alimento essencial da saúde humana e o único ingresso para uma vida nova feliz.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 16).

A comunicação bem-sucedida inicia-se com o desejo de se comunicar. É nesse desejo denso e resolutivo que se fortalece nossa disposição ao compromisso incondicional de dizer quem somos, como pensamos e o que sentimos, no gesto de honestidade em “revelar-se”. Considerando também que somos movidos pela recompensa de nossos empenhos, quando pensamos nos ganhos e perdas da comunicação, podemos nos reportar ao sofrimento pelo qual passamos quando não nos relacionamos efetivamente e quais ganhos teremos ao nos empenharmos no exercício da comunicação verdadeira.

É possível relembrar argumentos comumente utilizadas para justificar a recusa em se revelar a outrem, algo parecido com: “Cada um tem seus problemas, não quero incomodar ninguém com os meus”; “O tempo é tão curto, vamos falar só de coisas boas”; “Se eu falar sobre isso, você ficará chateado”; etc. No entanto, dizer de si para outrem somente será um peso se houver imposição de condições: “Vou te falar, mas não me julgue”; “Te digo isso pra você não me cobrar de não ter dito”; etc. É importante frisar que o ato de se dizer algo a outrem depende apenas de nós; somos nós quem decidimos fazê-lo, e o faremos apenas como a dívida de nos oferecer em conhecimento, esperando apenas ser acolhidos e ouvidos com atenção. Também que a frustração de não sermos ouvidos, caso aconteça (e seguidamente acontece), é apenas nossa e faz parte do revelar-se ao outro; então ela não deve ser um impeditivo para que falemos, serve somente para que conheçamos quem nos ouve e nos empenhemos ao respeito daquele modo de ser desse outro que não nos acolhe. Nesses momentos é importante avaliar como nós ouvimos e acolhemos o que outrem nos fala ou lembrar da frustração de outrem se não o fizermos.

Uma primeira reflexão já foi lançada: estamos realmente dispostos a nos comunicar verdadeiramente? Cremos que somos uma dívida a ser oferecida e que outrem também é dívida a ser acolhida por nós? Seguindo nesse processo, estaremos diante de outro desafio: o de sermos honestos com nós mesmos, estando cientes de que a incursão ao nosso interior é longa, pois “a mais longa viagem de alguém é a viagem para dentro de si.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 31). Então, para a decisão da honestidade consigo, será necessário admitir que muitas das nossas atitudes são motivadas pelas “coisas” que guardamos, reprimimos em nosso inconsciente e, por isso, não somos capazes de contar nem a nós mesmos:

A repressão em nosso inconsciente sempre tende a nos fazer perder o equilíbrio. Desenvolvemos preconceitos e intolerâncias. O complexo de inferioridade é um desses preconceitos. É possível que esse preconceito autodirigido tenha surgido na primeira infância com a negligência dos pais, mas que o consciente não esteja a par disso. Entretanto, nossa forma de ver as coisas, nossa escolha de palavras, nossos “lapsos freudianos” e mesmo nossos infortúnios podem todos ser resultado de coisas que não estamos contando a nós mesmos. (POWELL; BRADY, 1997, p. 32, grifo do autor).

Focando na questão da honestidade, os autores destacam que essa é uma tentativa em direção ao aprendizado de quem *realmente somos* e não um empenho em quem deveríamos ser. No intento de realizar nossos desejos, incorporamos papéis, usamos máscaras, porque isso nos traz certa segurança, uma sensação de menor vulnerabilidade, um mínimo de dificuldade. Quais são as máscaras, as representações que usamos para “esconder” dos outros, mas primeiramente de nós mesmos, quem somos?

Qualquer que seja essa representação, geralmente ela se torna um obstáculo à auto honestidade e à boa comunicação. Como meu papel é ensaiado todos os dias, gradualmente perco o contato com quem sou realmente. Não percebo com facilidade onde termina minha representação e começa meu verdadeiro eu. (POWELL; BRADY, 1997, p. 35).

Então, sermos honestos conosco mesmos tem a ver com reconhecer e abandonar esses papéis e máscaras que usamos em nossa defesa, para que possamos desfrutar dos ganhos de conhecermos quem realmente somos. Também ocorre que, muitas vezes, outras pessoas se apercebem dos nossos papéis e máscaras. Quando isso acontece, e se desconfiarmos, também é possível que nos afastemos de alguma forma, sob o risco de que nos mostrem explicitamente nossa condição de representação, o que de fato evitamos que aconteça na maior parte do tempo.

Nos ajuda nesse processo o exercício de falarmos apenas por nós mesmos. Significa que ao invés de projetar nos outros o que sentimos e pensamos, nos empenhamos em dizer sobre nós e não sobre o outro. Isso possibilita admitir total responsabilidade pelo que falamos e omitir a responsabilidade pelo entendimento que tiveram em relação ao que dissemos.

À medida que percebemos cada um de nós como únicos e individuais, ampliamos nossa capacidade de compreender nossas reações como nossas, deixando gradativamente de projetá-las nos outros. Lembraremos sempre mais claramente que nossas reações dependem de nós mesmos e serão diferentes da reação de outrem, mesmo que se refira a uma mesma situação, bem como nos lembraremos de perguntar sobre o que ouvimos para que tenhamos clareza da intenção de quem disse em vez de presumi-la. São essas novas capacidades que nos possibilitam a habilidade de contar nossas experiências e acolher as dos outros. É possível expressar nossas opiniões sem desmerecer a do outro e sem considerá-la contrária à nossa, reconhecendo que se tratam apenas de opiniões diferentes, que não têm, necessariamente, a intenção de confronto, enfrentamento e contraposição.

Importante, ainda, abordar dois pontos relevantes no empenho à comunicação verdadeira: a forma que nos revelamos e o motivo por que falamos. A revelação exige certo cuidado para que não seja uma enxurrada de palavras jogadas sobre nosso ouvinte, “não posso simplesmente jogar minhas emoções a seus pés.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 52). É necessário contextualizar. Por exemplo: diante do seu riso durante uma palestra nossa, lhe dizemos “Estou furioso com você”, mas, desejando um pleno contexto da revelação, diríamos primeiramente as percepções e sensações: “Vi e o ouvi rindo enquanto eu fazia meu importante pronunciamento para os participantes de nosso encontro” (POWELL; BRADY, 1997, p. 52), depois a interpretação das sensações:

Interpretei que você considerou tolas ou estúpidas as minhas ideias. Pelo menos pensei que você não estava dando o apoio de ouvir com seriedade. Pensava que você era meu amigo, mas lá estava você, rindo de mim. Esses foram meus pensamentos interiores quando o vi e ouvi rindo. (POWELL; BRADY, 1997, p. 52).

Somente então os sentimentos causados pela interpretação seriam comunicados: “E fiquei com raiva de você.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 52). Ao final, e diante da possibilidade de fazê-lo, pode-se ampliar o contexto da revelação:

Sabe, foi a primeira vez que falei em um encontro. Foi minha estreia como orador e por isso fiquei tão envolvido. Em vez de pensar na plateia, só estava pensando em mim mesmo. Fiquei imaginando como estaria me saindo. Também é verdade que eu estava tão nervoso com aquele maldito discurso que não comia nem dormia direito. Por favor, não pense que tem de concordar ou discordar ou mesmo explicar alguma coisa. Não estou realmente tentando chegar a uma conclusão ou desafiá-lo. Só quero partilhar meu íntimo com você. Espero que possa me aceitar. De qualquer forma, muito obrigado por ouvir tudo isso. (POWELL; BRADY, 1997, p. 52-53).

Percebe-se nessas transcrições a construção de um contexto em relação ao ato de dizer de si a outrem, que apenas é possível quando a motivação para o falar de si pretende a comunicação verdadeira.

Quanto aos motivos que nos movem a esse compartilhar, eles podem ser desabafo, manipulação ou comunicação. Se nos motivamos a falar nossos sentimentos porque desejamos desabafar, o que ocorre é que o outro servirá como uma lixeira em que depositamos nossos descartes emocionais diários, para nos sentirmos melhores e, muito provavelmente, o ouvinte se sentir pior. Se nossa motivação for a manipulação, conscientemente estaremos em um indisfarçável movimento de manobra, estratégia, para conseguir o que pretendemos, seja atenção, solidariedade, seja mesmo que se sintam responsáveis ou culpados pelos sentimentos que nos causaram. De acordo com Powell e Brady (1997, p. 54, grifo do autor), “o único motivo aceitável para que eu compartilhe meus sentimentos é a *comunicação*”, somente esse motivo possibilita que falemos nossos sentimentos com a intenção de sermos conhecidos pelo outro como realmente somos, em um desejo de “relacionamento verdadeiro com você, não um ‘arranjo’ erroneamente chamado de ‘amizade’.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 54).

Como parte dos ganhos do relacionamento verdadeiro, estarão os sentimentos de bem-estar, de alegria, serenidade e satisfação com relacionamentos leves, francos, nos quais não há cobranças nem julgamentos e, por isso, nos permitem sermos quem realmente somos. Serão também os desencargos do trabalho exaustivo de manter máscaras e desempenhar papéis, em uma vigília constante para não sermos descobertos, que nos abastecem de medos e culpas, frustrando nossas tentativas de ser quem não somos. É necessário também lembrar que o desafio é pessoal, e os outros nada têm a ver com nossa tentativa empenhada de revelação. A cada um de nós cabe a decisão de fazê-lo ou não. Os ganhos serão nossas vitórias pessoais, alimento para o nosso desenvolvimento como humanos e profissionais e para a qualidade de vida.

3 ACOLHIMENTO: O EXERCÍCIO DA HONRA DE ESCUTAR E RECONHECER A PALAVRA DE OUTREM

Refletimos anteriormente a respeito do nosso empenho em falar. Agora a intenção é refletir sobre o nosso próprio ato de ouvir, considerando as percepções que temos sobre quem nos ouve no momento em que nos revelamos. Lembrando que quem se revela está atento ao interesse de seu ouvinte, e, da mesma forma que esperamos acolhimento da nossa fala por outrem, este também o espera de nós quando nos fala. “[...] escutar é incontestavelmente tão importante quanto falar, em termos de fazer os relacionamentos funcionarem.” (ADLER; TOWNE, 2002, p. 130).

Nossa disponibilidade para ouvir parece ser a grande decisão inicial para desenvolvermos essa habilidade. Não se trata apenas de estarmos presentes fisicamente, nem somente dispormos de tempo para ouvir o outro. Se trata de desejarmos “abrir a porta”, “atender ao telefone”, de conhecer e aceitar o outro; de oferecermos nossa energia no empenho do acolhimento, de estarmos dispostos ao esforço desgastante de ouvirmos cuidadosamente um orador; de abrirmos mão, temporariamente, de nossos interesses, preocupações pessoais e da nossa fixação por nós mesmos. Como falamos anteriormente, nós próprios somente nos revelaremos diante da confiança que sentimos em nosso ouvinte. Agora, sejamos nós esse ouvinte interessado, pois:

Todos sabemos como é bater a uma porta e não obter resposta. Todos sabemos como é discar um número de telefone com uma sensação de urgência e só ouvir um sinal de ocupado. Há uma reação de desapontamento semelhante na maioria de nós quando desejamos verdadeiramente partilhar alguma parte profunda de nós mesmos só para perceber que nosso suposto ouvinte parece não estar disponível. Percebemos que essa outra pessoa preferiria não ser perturbada por nós e nosso partilhar. Quando recebemos esse “sinal de ocupado”, quase sempre simplesmente desligamos. Somos tentados a desistir (POWELL; BRADY, 1997, p. 76, grifo do autor).

Se nos dispomos a ouvir, também está implícito que nos dedicaremos em aceitar o outro como é. E, considerando que “a vida em si é um processo e somos todos ‘seres em processo’” (POWELL; BRADY, 1997, p. 80, grifo do autor), significa aceitá-lo na fase e momento em que estiver. Acaso já nos perguntamos se aceitamos que uma criança seja criança, que um moribundo seja moribundo? Que uma pessoa enlutada realmente fique triste? Os aceitamos em sua condição, sem o desejo de levá-los para onde achamos que deveriam estar? Na recusa do acolhimento dizemos: “O

tempo cura tudo” ou “Ele não sofre mais agora”, desconsiderando o direito da tristeza e do choro do luto? Tiranamente, exigimos que marchem ao nosso ritmo e não no deles próprios? Aceitamos seus sentimentos e necessidades sem infligi-los a nossos próprios sentimentos e necessidades? Aceitamos seus erros como tentativas de acertos ou os julgamos por não fazerem de acordo com nossos conceitos de certo e errado (que também, cabe lembrar, foram construídos por meio de erros e acertos)? Se nossas respostas forem negativas, então, certamente, estamos destruindo as possibilidades de comunicação verdadeira e contribuindo para o isolamento e fechamento de nosso orador e negando a nós mesmos a dádiva de conhecer outrem, a honra de ouvir alguém nos dizer de si, de apreender a consistência interior dos outros.

Quando não aceitamos um outro no ponto em que está, simplesmente demonstramos impaciência e desapontamento. Então, irrompemos com conselhos que não foram pedidos, geralmente sobrecarregados de sugestões de mudança e melhora. É óbvio que aceitamos somente o que a pessoa pode vir a ser, não o que ela já é realmente. (POWELL; BRADY, 1997, p. 83).

Alguns autores fazem classificação ao comportamento de não ouvir. Há categorias de *não ouvintes*: os que tendem a nos provar que, na verdade, não temos problemas, não parecem interessados em conhecer o orador; os que transformam o que ouvem em problemas para depois terem a satisfação de solucioná-los, fazendo com que o outro se sinta ainda menor diante de uma solução não pensada, e que, ao ouvinte, pareceu tão fácil, impedindo que a pessoa cresça pela tentativa de solucionar seus próprios problemas, enquanto o ouvinte conserva para si o sentimento de poder, bem como o próprio não crescimento, na medida em que não exercita uma habilidade que não tem, a de ouvir. Há os não ouvintes que usam seus oradores como oportunidade para falar de si, considerando o que ouviu apenas para usar como “deixa” à sua própria fala.

Também encontramos descrições de *tipos de escuta ineficaz*. Abordamos aqui apenas a *escuta defensiva*. Esta funciona como se o dito pelo orador fosse um ataque pessoal ao ouvinte, mesmo não o sendo, desencadeando reações de cerceamento à comunicação verdadeira, agindo como barreira e bloqueio ao crescimento e relacionamento dos envolvidos:

A adolescente que percebe as perguntas dos pais sobre seus amigos e atividades como uma bisbilhotice desconfiada [...], assim como o provedor inseguro que explode a qualquer momento em que sua companheira fala em dinheiro, ou o pai/mãe melindroso que encara qualquer questionamento dos filhos como uma ameaça à sua autoridade e sabedoria parental. (ADLER; TOWNE, 2002, p. 133).

Alguns desses aborrecimentos seriam, provavelmente, evitados se o ouvinte decidisse pela empatia ao orador. Seria como se nos fizéssemos a pergunta: Como é ser você? Em uma tentativa de colocarmos-nos no lugar da outra pessoa, desejando compreender seus sentimentos, atitudes e pensamentos. Também essa é uma habilidade a ser desenvolvida, e também aqui o maior obstáculo parece ser a preocupação incessante com nós mesmos. Desenvolver empatia exige que reconheçamos a diversidade de cada pessoa como sendo única, que pensa, sente e age diferente de nós e, assim, precisa, para ser compreendida, ser considerada única. Por isso, talvez, a empatia seja “principalmente difícil quando alguém discorda de nós ou realmente não gosta de nós ou de algo que estejamos fazendo”, então, podemos imaginar que “sair de nossa pele e nos colocar na deles em momentos como esse é a perfeição da empatia” e que, “em certo sentido, a empatia é a arte fundamental do ouvinte no processo de comunicação.” (POWELL; BRADY, 1997, p. 99).

No processo de comunicação, se queremos, como ouvintes, assegurar que entendemos o que nos está sendo revelado, podemos nos esforçar para esclarecer sua mensagem. Powell e Brady (1997, p. 104, grifo do autor) descrevem três tipos de esclarecimento:

O primeiro desses tipos é simples: *pedir mais informações*. Se a mensagem que estou recebendo parece indireta ou incompleta, tenho de procurar localizar o que está faltando. O segundo tipo de esclarecimento é: *verificar o significado das palavras*. Pode ser uma questão de uso das palavras. Os significados que você dá a suas palavras podem ser muito diferentes dos que eu estou captando. Nesse caso, devo pedir a você que partilhe suas definições comigo, [...] o terceiro tipo de esclarecimento [...]: *verificar minha compreensão de sua experiência*. Nesse caso, o conteúdo e o significado das palavras podem estar claros, mas, de certa forma, não estou certo de ter realmente compreendido todo o tom ou impacto emocional de sua experiência. Então, devolvo-lhe seu partilhar como o entendi para assegurar que realmente apreendi o impacto de sua experiência em você.

.Esses exercícios nos possibilitarão melhorar nosso compreender outrem e nos ajudarão também como falantes, nos proporcionando observar a importância de partilhar os detalhes que nosso ouvinte precisa para compreender quando lhe falamos. É necessário esclarecer que não se trata da pretensão de uma perfeita compreensão, haja vista que ela seria humanamente impossível:

Certamente, nunca compreendemos totalmente ninguém, inclusive nós mesmos. Mas podemos obter uma ideia real de como é ser “outro”. Podemos compreender algo da “consistência interior” dos pensamentos e sentimentos de outro ser humano. [...] A pessoa que foi realmente ouvida e compreendida ficará provavelmente para sempre transformada por essa dádiva magnífica. (POWELL; BRADY, 1997, p. 89, grifo do autor).

No entanto, compreender a complexidade do ser humano nos possibilita acesso ao educar-se para a compreensão. De acordo com Morin (2000, p. 99), “a ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. Demanda grande esforço, pois não pode esperar nenhuma reciprocidade [...]”, confirmando nossa crença de que falar e ouvir não são atos espontâneos, são processos humanos aprendidos na vivência humana, que nos exigem empenho e dedicação para sermos bons ouvintes e compreender nosso orador.

Ao compreendermos nosso falante, ficará também implícita a dádiva que recebemos no seu se partilhar conosco. Lembremos que certamente não deve ter sido fácil confiar seus sentimentos e superar o medo de não ser compreendido por nós. Independente do conteúdo partilhado, somos igualmente convidados a sermos gratos pela experiência de conhecer outrem. Quando lhe dizemos “Obrigada por escutar”, dizemos também que isso era tudo que queríamos dele.

4 COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL: O EMPENHO NO DITO E A CAPACIDADE DE ESCUTA QUALIFICANDO RELAÇÕES DOCENTES E AÇÃO PEDAGÓGICA

Nesta seção, temos a intenção, assumidamente modesta e provocativamente, de refletir as possibilidades comunicativas e de relacionamento no espaço do trabalho docente e no ambiente das interações pedagógicas dedicadas ao ensino e à aprendizagem.

Como a comunicação verdadeira, que possibilita qualidade de relacionamentos, poderia acontecer em nossas rotinas docentes diárias? Quando disporíamos, em nossa carga horária semanal, do tempo necessário ao ato de ouvir? Em que momento, em meio à correria das crianças, livros e planejamentos, nos sentiríamos livres e confiantes para nos revelar a alguém? Como se dedicar ao empenho necessário para compreender a criança que nos interpela em meio a outras tantas?

Nessa perspectiva, certamente nos parece de pronto impossível. Mas essa percepção, também pode ser apenas um dos artifícios que comumente usamos para nos mantermos em nosso estado de acomodação, no qual nos sentimos seguros, confortáveis, e disso não abrimos mão, pois o medo que se aproxima, nesses casos de desacomodação, nos é insuportável. Fora dessa área, somos inseguros e nos sentimos ameaçados (POWELL; BRANDY, 1997, p. 140). Portanto, independente do que “[...] consista a sua zona de conforto, você paga um preço enorme por isso. A vida oferece possibilidades incríveis, mas você não pode aproveitá-las sem ter que enfrentar algum tipo de dor, esforço, sacrifício ou sofrimento.” (LUCAS, 2012).

Para melhorar nossos modos de nos comunicar e de nos relacionar, talvez tenhamos que pôr em cheque nossos conceitos, superar nossos medos, rever nosso comportamento “supostamente humano”. O convite, aqui, é para que nos aventuremos na superação de nossos próprios limites, arrisquemos fazer algo sem a garantia de dar certo, voltados para a alegria da tentativa, para a sensação de estarmos vivos, em crescimento, pelo sentimento de competência por meio do comprometimento com nossa profissão. O convite é para “se expandir”.

Considerando que, à medida que evoluímos em nossos processos de crescimento, melhor compreendemos o momento em que outros estão nos seus próprios processos, e podemos pensar que isso talvez nos ajude na proposição da competência profissional de ensinar. Sendo essa a função principal da docência, apenas aqui já haveriam muitos ganhos nesse empenho.

Ao conversarmos com nossos alunos, precisamos nos expressar adequadamente, ser ouvidos por eles, para colaborarmos com seu aprendizado. Importa retomar que, se queremos ser compreendidos pelos nossos ouvintes, vale o esforço de detalhar nossa intenção comunicativa. Usar palavras do nível de entendimento dos alunos, manter clareza

e sequência de ideias, fazer relação com conceitos já aprendidos, educar o tom da própria voz para dizer com tranquilidade, sem a agressão da voz gritante (mesmo em momentos de tensão), são atitudes que podem mudar profundamente nosso relacionamento com a turma de alunos. E não seria diferente com nossos colegas de trabalho.

As bibliografias comumente nos dizem que, em qualquer situação comunicativa, principalmente nos momentos de crise, quando nada parece dar certo e ninguém nos ouve ou entende, usar o “eu” ao invés do “você”, se queremos falar de nós mesmos, pode ajudar significativamente a superar uma crise de comunicação ou qualificar relacionamentos. Pensemos aqui nas inúmeras crises vivenciadas no âmbito escolar e fora dele também e avaliemos que uso podemos fazer dessas estratégias como instrumento para a superação.

Praticar a auto-honestidade, reconhecendo e respeitando as próprias emoções, possibilita conduzir nossas crianças ao reconhecimento e respeito das próprias emoções. Esse seria um suporte importante do incentivo ao processo de falar de si, pois o respeito e a compreensão a outrem, necessários ao estímulo para a revelação, crescem com o respeito e a compreensão de si. Nem seria ousado pensar que evitaríamos muitos dos isolamentos a que se impõe quantia considerável de crianças.

Para o ato de se revelar, poderíamos crer que o simples desenvolver a capacidade de expressão oral, como conteúdo sistemático escolar que é, já caracteriza estratégia pertinente ao falar, ouvir e bem comunicar-se. Então cabe refletir como estão sendo propostos os momentos de falar e os momentos de ouvir nos espaços escolares e como são conduzidos os momentos em que são necessários silêncio e concentração.

Não há uma receita a ser dita, posto que para cada resposta há um desafio diferente, e podemos concordar que isso faz parte do “ser complexo” do humano. A diversidade é real e exige reconhecimento, de nós para nós, de nós para outrem e de outrem para nós.

Quanto ao reconhecimento e à aceitação do outro, estão intimamente relacionados com o cumprimento da exigência mencionada anteriormente. Que outra forma haveria para o compreender e respeitar os que são diferentes e, até, contrários a nós, senão pelo entendimento de que o diverso faz parte da nossa espécie e da vida mesmo?

Como aceitamos os colegas, demais pares adultos e alunos que não correspondem a nossas expectativas de aprendizagem, de comportamento e de pessoa? É óbvio que as crianças precisam de instruções e de amorosa disciplina que reforcem as instruções dos pais. Mas, à medida que vão crescendo, devem ser ajudadas a se transformar, aos poucos, em adultos independentes. Como adultos, devemos assumir a responsabilidade pessoal por nosso comportamento e por nossas vidas.

Trata-se do empenho em reconhecer o lugar onde está cada um em seus processos de aprendizado, para de lá lhes possibilitar ir adiante, em um convite para que ele próprio perceba o caminho que percorre; as montanhas, curvas e rios que o aguardam com mistérios e surpresas pela frente. Sem esse nosso reconhecimento ele se verá parado, apático, desinteressado, desejando, naturalmente, o mais animado parquinho do pátio da escola.

Também a disponibilidade de escutar para conhecer e compreender e a demonstração do sentimento de gratidão ao empenho de outrem nos ajudarão a perceber em que e como podemos contribuir na relação e no aprendizado com nossos alunos e colegas. Faz-se necessário ouvir além da pergunta, ouvir quem a faz. A demonstração do nosso interesse como ouvintes oferecerá coragem aos que desejam se revelar a nós.

Nos parece, enfim, que o próprio assunto aqui abordado é um constante convite para nossos questionamentos e uma persistente provocação para o exterior da nossa agradável, mas limitante e implacável, zona de conforto.

5 CONCLUSÃO

Quando o assunto é comunicação interpessoal o próprio termo sugere que se trata de algo que acontece entre nós e outrem, com o desafio de que se inicie em nós. Percebe-se natural resistência a esse tipo de movimento, de deslocamento para fora da nossa zona de conforto. Diante dos distanciamentos humanos contemporâneos, entre a própria espécie e demais formas de vida, com nosso *habitat*, conosco mesmos, não resta outra opção se desejamos fortalecer nossa vivência de espécie humana com as demais senão o exercício do passo ao encontro do outro, de nós mesmos. Superar próprios limites e acolher limitações alheias nos soa como indispensável, essencial, radical ao sucesso nessa caminhada, que, sendo individual, possibilita agregar ao coletivo.

Não seria diferente em nosso ambiente de trabalho, com os espaços, as diversidades, as divergências, os conflitos, a multiplicidade de compromissos, o comprometimento com o desenvolvimento humano, dos humanos que lá estão ou que lá se integram. Que comece com cada um de nós o exercício do passo ao encontro do outro, independente de esse outro fazer o mesmo em nossa direção ou não. A decisão é de cada um; o empenho é individual, mas desejando o coletivo; os ganhos são pessoais e somente depois se oferecem ao coletivo. Que nesse empenho tenhamos a coragem que precisamos para suportar a saída da agradável, mas implacável, zona de conforto.

La comunicación interpersonal: implicaciones en las relaciones maestros y la acción educativa

Resumen

Esta producción refleja en la comunicación interpersonal y constituye un corte reflexivo enfocar el acto de revelar a sí mismo y escuchar, hace un breve análisis de las implicaciones para los maestros y las relaciones de acción educativas. Se ha tratado de apoyar el proceso de educación continua de la persona maestra, en relación con el desarrollo de habilidades de comunicación a través de la comunicación interpersonal, y contribuir a una mejor comunicación en la acción pedagógica. Consiste en la investigación bibliográfica y tiene como objetivo demostrar la importancia de la calidad de la comunicación en la profesión docente y la influencia directa en el proceso de enseñanza y aprendizaje, teniendo en cuenta el entorno escolar, pero que permite ampliar la reflexión a otras áreas del logro de la comunicación oral interpersonal.

Palabras clave: Comunicación interpersonal. Profesores de relaciones. Acción educativa.

REFERÊNCIAS

ADLER, R. B.; TOWNE, Neil. **Comunicação Interpessoal**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

LUCAS, M. A zona de conforto. **Escola Psicologia**, 2012. Disponível em: <<http://www.escolapsicologia.com/a-zona-de-conforto/>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

MORIN, E.; CIURAMA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003. Tradução de: Éduquer Pour L'Ère Planétaire. La pensée complexe comme Méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Zawayza. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Tradução de: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.

POWELL, J.; BRADY, L. **Arrancar máscaras, abandonar papéis: a comunicação pessoal em 25 passos**. Tradução Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 1997. Tradução de: Will the Real Me Please Stand up? 25 Guideline for Good Communication.